

TRUPE (IMAGINAÇÃO)

MÚSICA (EMOCIONAL)

DRAMATURGIA (RACIONAL)

ZONHADOR/NARRADOR

ISTO NUNCA VAISER IDEAL

A LATA É UMA FEIURA

POEISA FICÇÃO REALIDADE CRU
SONHO / CRENÇA A BONDARIA DEUSILUSÃO

C.S. AFONSOEIRO

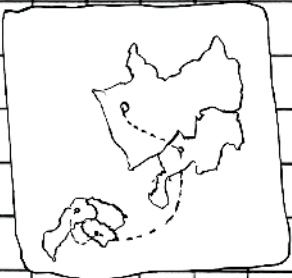
HUMORISA

PARQUE

GATO DJ

SI

PERER A TORU



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MINIMALISMO

ATENEU

RODA LIVRE

ESQUEMEMO

PESCA

SAÚDE MENTAL

CERCIMA

PALHACADAS

OSBATANER

CONSUMISMO

VIDA DE RUA

OLIVER @ BENJ

SOTAQUE

BALIZA

MOBILIDADE

IDENTIDADE LOCAL

INDÚSTRIA

E P M

ROMÉU E JULIETA

PASSADO DO MONTIJO

VARIAÇÕES

SÁTIRA POLITICA

ENSAIO SOBRE ACEGUEIRA



CONFLITO GERACIONAL

SÊNIOR

CLUBE DE TEATRE

BAILE

LAIKA

POEISA

CONFLITO

LAURINDINHA

PINÓQUIO/MENTIRA

A TRISTE VITÓRIA DO INDIVIDUALISMO

MALAPOSTA

STA. CASA

DR. MAURICIO

O TEMPO DOS REIS

UNICÓRNIS

O espectáculo a que vão assistir, ou a que assistiram, é o resultado de um conjunto de decisões que foram sendo tomadas ao longo do processo de criação. Criar um espectáculo sem que exista um texto prévio implica uma reflexão sobre o que incluir e excluir, mostrar ou ocultar; o que neste caso se tornou particularmente difícil, tendo em conta a diversidade e riqueza dos contributos que nos foram chegando. A cena que se segue foi construída nos ensaios e é sobre a dificuldade de tomar estas decisões. Foi cortada.

Maria Mascarenhas e Levi Martins

Cena IV

A discussão

No final do coro dos aflitos, a luz muda, parece perder-se a transcendência, o sonho. A ritmos diferentes, embora nenhum transmita uma profunda urgência, os actores trazem mesas e cadeiras.

André

Imaginem: um gajo a morrer e aparece alguém a ler Tchékhev, para tentar salvar, percebem? Para que ele não morra. Não é bom? Fazem-lhe reanimação e quando ele volta diz frases do Cerejal. "O comboio chegou, graças a Deus. Que horas são?"

Diana

Mas ninguém falou em Tchékhev, baby.

André

Ahhhh, poissss.

Julieta

Shakespeare, Gil Vicente, Molière.

Diana

Ai filha, 'tou toda arrepiada.

Julieta

Emídio Tobias.

Luís

(tirando os livros da mochila) Tomei a liberdade de trazer "A Farsa de Inês Pereira" e "O Tartufo", "O Tartufo" em francês e em português. Tinha lá para casa...

Diana

O que é que o Luís não tem lá para casa, não é verdade?

Luís

Bem, e revistas? Vocês não fazem ideia, são pilhas e pilhas de revistas, da "moderna", sabem? Desde 82, se aquilo sai uma vez por semana, agora façam as contas.

Julieta

Se há coisa que as pessoas pediram foi revista. Revista à portuguesa. Cantoria. Humor. A REVISTA *(ensaia uns gestos e canta com uma voz revisteira, entusiasmada)*.

André

Ui, está bonito isto. Julieta, Julieta, deixa-te andar.

João

PÁRA. ANDRÉ. NÃO, JÁ DISSE QUE NÃO. ACABOU.

Luís Tás bem, João?

João

Desculpem. É que eu fico muito confuso com muita gente a falar ao mesmo tempo...
Não liguem...

André

Ah isso percebo-te.

João

Continuem, continuem.

Diana

Bom, eu acho que o importante é estabelecermos como é que vamos abordar tanta informação. Temos tantos testemunhos, tantas coisas diferentes, como é que se consegue fazer um retrato fidedigno, justo, que abarque o maior número de vontades possível, percebem?

Luís

Claro, isso é muito importante, efectivamente. Mas é impossível incluir tudo aquilo que as pessoas disseram.

Julieta

Acho que podíamos dar prioridade aos temas que foram mais recorrentes: o passado industrial do concelho, a actividade piscatória, os temas sociais como a discriminação, a homofobia, a revista, *A REVISTA (volta a ensaiar uns gestos e uma voz revisteira, entusiasmada)*.

João

'Tás, 'tás...

Luís

Eu acho que o espectáculo é isto. É sobre isto: sobre a impossibilidade de retratar todos os desejos das pessoas –

André

Uau.

Diana

Mesmo.

Luís

E nesse sentido acho que estar a dar mais importância a determinados assuntos porque foram mais ditos pelas pessoas... Quer dizer, isto deve ser sempre a partir do nosso ponto de vista em relação a esse material, que não tem de respeitar propriamente aquilo que foi mais dito.
Silêncio algo demorado.

Diana

Então, o que o Luís está a sugerir é que destes testemunhos devemos escolher aqueles de que gostamos mais?

Luís

Claro. Porque é impossível incluir tudo o que as pessoas disseram.

Diana

Então: vejam como é impossível este projecto louco a que nos propusemos, é isso?

Luís

Precisamente.

Julieta

Isso também é giro.

André

Uau.

João

Tu és muita parvo, até parece que estamos num nível de complexidade de conversa inatingível.

André

TÁ BEM, JOÃO, TÁ BEM.

João

Ai André, André.

André

Se fores um Gato DJ quero ver...

Julieta

Então mas como é que se representa a impossibilidade?

Diana

Pppooooiissss.

André

Tens de prolongar o O. Pppooooooooiiis.

Diana

Pppooooiissss.

André

Ok, caga, noutra dia.

Julieta

Há aqui uma questão. É que uma coisa é essa tentativa de representação da impossibilidade, outra coisa é a impossibilidade ser a nossa escolha de uns assuntos em detrimento de outros.

João

Acho que são as duas coisas. Ou seja, essa escolha é inevitável porque também nós temos uma relação com aquilo que as pessoas foram dizendo, gostamos mais de umas coisas do que de outras, achamos que algumas delas podiam gerar melhores momentos em cena, melhores blocos de texto. Não podemos simplesmente ignorar que também nós temos vontades e que há material que é mais rico do que outro, seja pela natureza das pessoas, seja pela forma como contaram as histórias, seja pelas suas referências... Ai, esqueci-me do que estava a dizer.

André

Estás a pensar e a falar ao mesmo tempo, não é?

João

O espectáculo é esta conversa, percebem? O mundo hoje é esta conversa. Pessoas que não se conseguem entender. E o que é que nós temos sentido na rua quando abordamos as pessoas? Ou não têm tempo, ou demoram a perceber que somos uma companhia de teatro, ou acham que estão a ser entrevistadas para a televisão, percebem? O espectáculo devia ser a impossibilidade de representar tudo, que é também a impossibilidade de comunicação, que é também a impossibilidade de agradar a toda a gente.

Luís

Bem... Granda João.

André

E um gajo a morrer e aparece alguém a ler Tchékhov para o salvar... Não? Pronto, ok.
(baixinho). "O comboio chegou..."

Luís

A impossibilidade de comunicação entre nós e os outros, entre arte e público, entre emissor e receptor...

João

Isso.

Diana

Isso é giro.

Julieta

Pois é, mas continuamos com o mesmo problema: como é que se representa isso? Metete-se um néon a dizer impossibilidade? Um daqueles toldos de pastelaria a dizer impossibilidade? Como é que se faz?

Diana

Se calhar devia haver uma espécie de narrador, um ideólogo vá, que começava e acabava o espectáculo. Não sei, mas se a impossibilidade é uma coisa que não pode ou não chega a existir, o espectáculo devia reflectir isso.

Julieta

Ahh, ok, ok, então aquela ideia da trupe de teatro que chega a cada uma das cinco freguesias do Montijo e tenta fazer uma peça para agradar aos locais insere-se bastante bem nessa ideia. Era como se a trupe fosse desistindo, fosse acreditando cada vez menos naquilo.

Luís

Bom, isso também pode ser. Mas vamos lá ver, a arte não é uma tentativa de maior reflexão, de anti-entretenimento? Houve várias pessoas que nos disseram que não queriam pensar muito, não queriam ver coisas muito profundas, “desgraças já nós temos na vida”. Eu acho que não podemos dar-lhes só o que querem. Mesmo que isso signifique esta impossibilidade de comunicação...

Diana

Então e se levarmos isto tudo? Estes papéis todos?

André

Ó Diana, tu realmente.

Diana

Assim conseguimos explicar às pessoas como é que chegámos até aqui.

João

Olha lá, essa frase é minha.

André

Epá, eu não sei jogar a isto.

André levanta-se repentinamente e começa a dançar e a cantar o arranque da música “Todo o mundo quer a vida que um gato tem”: “Quem quiser fazer o que ele faz / E imitar todo o jeitão de um gato viver / É bicho, vem no embalo do que um gato tem / De outra maneira não convém / É PAPO FURADO”

Diana

Pppooooiiissss.

João levanta-se. Dá-lhe um abraço. E senta-o na sua cadeira.

Julieta

A arte não é isso.

Diana

Bom, a ideia do ideólogo era que representasse a ideia, o que é ter uma ideia, quando surgiu a ideia primordial do espectáculo, por aí.

João

Mas esse ideólogo era um de nós? Estava dentro da narrativa?

Diana

Não, não, era como uma entidade externa, posicionado num plano mais alto ou mais atrás, coisa assim, não podia ser um de nós na medida em que isso misturaria a zona da ficção, a tal zona da trupe, e esta outra dimensão mais das ideias, menos palpável, mais –

João

Do sonho. Podia ser algo do terreno do sonho. Como se esse ideólogo activasse as figuras de ficção que nós representamos.

Julieta

Então, nesse caso, o ideólogo pertence a uma estrutura maior, é como se balizasse todo o espectáculo, a ideia da trupe que chega às diversas freguesias é um dos elementos que está no seu interior, digamos assim, está dentro.

André

Eu 'tou dentro.

Diana

Sim, é isso, e podia aparecer duas vezes, no início e no fim, prólogo e epílogo.

Luís

Estava aqui a pensar numa coisa: é como se essa narrativa que ainda vamos criar fosse a imaginação do narrador? Ou seja, ele diz-nos qualquer coisa e depois vemo-lo acontecer?

Diana

EXACTO. ISSO MESMO LUÍS. SÓ O LUÍS É QUE ME ENTENDE, Ó QUERIDO...

Luís

Sabes como é que é...

João

Mas então... como é que eu hei de dizer –

André

(canta.) Como é que eu hei de, como é que eu hei de, como é que eu hei de ir embora.

João

No fundo, é quase como se ele fosse uma entidade superior, uma espécie de Deus.

André

Ya, João, é isso, é Deus. Na dúvida, é Deus. É um Deus DJ.

João

Não é isso, é que –

Diana

Mas sim, se quiseres é. Na medida em que o narrador tem acesso a tudo, desculpa, o ideólogo, tem acesso a tudo, vê tudo –

João

Enquanto a trupe só tem acesso a si e tenta representar algo que não tem, que ninguém indicou, que é impossível.

Luís

Mas as pessoas têm de acreditar em alguma coisa.

Julieta

Concordo com o Luís, se não contarmos uma história às pessoas, por muito estranha e caótica que possa ser, elas nunca se ligam, o que pode ser um objectivo, claro, mas acho que seria mais eficaz apanhar as pessoas em contrapé.

André

Como assim?

Julieta

Então, se numa primeira fase as pessoas acreditarem que há uma narrativa, para depois a irmos destruindo gradualmente, provocando essa situação de incapacidade, impossibilidade, abismo –

André

Ahhhh.

Luís

Claro, não pode ser só a construção.

Julieta

Exacto.

João

Então precisamos de uma situação, que talvez devesse partir dos contributos.

Luís

Mas e se partisse de reportório? De um texto já existente?

Diana

Eu acho que podíamos tentar escrever algo nosso a partir dos contributos, parece-me mais interessante. Explorar a ideia de poesia.

André

Ó Diana, olha aí.

Diana

O que é que foi?

André

Não se pode dizer poesia assim sem mais nem menos.

Diana

Mas porquê? Poesia é uma palavra como outra qualquer.

André

Se calhar é por isso que és assim.

Diana

Hã?

André

Vou ouvir Bach. *(e levanta-se irritado.)*

João

E se fosse uma feira?

Julieta

Ai, que máximo. Adoro.

Luís

Uma feira como? Uma feira popular? Casa do Terror e assim?

João

Acho que não é preciso ser tão específico, mas uma feira como lugar de encontro das tais figuras de ficção. Um espaço aberto, vários feirantes e visitantes –

Julieta

E faturas. Tem de ter faturas, desculpem lá. Até podíamos comer faturas em cena.

Diana

Comida em cena é sempre boa opção, lá isso concordo.

André

(ainda de pé.) Uma feira? Poesia? Reportório?

Diana

Tu não 'tavas a ouvir Bach?

João

Sim, uma feira. Com atracções e –

André

E tu fazes de Romeu, é isso? Numa feira?

João

YA. O Romeu podia ser um dos feirantes.

André

Pois podia. Dizer Shakespeare enquanto envolve o algodão doce, infalível.

João

Ou podia ser o anfitrião dos carrinhos de choque.

Julieta

Ai, que máximo. Adoro carrinhos de choque. Mas conseguimos ter carrinhos de choque em cena?

João

Isso vê-se depois.

André

Claro, é mandar mail para a produção.

Luís

O Romeu devia vender sonetos.

Diana

Uau.

João

Eish, muita bem visto, Luís.

Julieta

E se o Romeu falasse com sotaque? "Ah pariga, foste do mercaide?"

João

iiiiidee. (*faz o gesto do sotaque*), tens de fazer isto, percebes? Mas não pode ter sotaque, se vai vender sonetos...

Luís

Se me deixarem explicar a ideia... É claro que não pode ter sotaque, o Romeu vende sonetos e portanto só se expressa por sonetos, só diz falas do Romeu e Julieta.

André

Numa feira, é isso?

João

EPÁ O QUE É QUE TEM?

André

Nada, nada, eu é que, oolhaa (*sem acabar a frase*) –

João

Já paravas de fazer isso. Tens noção o quão irritante é não acabares as frases? Se queres dizer alguma coisa diz, mano, que falta de respeito.

André

É PAPO FURADO.

Diana

Sejam amigos... Ok, então o Romeu vende sonetos. E mais? Quem são as outras personagens?

Julieta

Podia haver um pescador, as pessoas falaram muito da pesca.

Diana

Ah, boa, e ele podia ser assim contemplativo e poético.

João

(para Diana.) Tu podias vender farturas.

Julieta

E falar muito alto, assim como as feirantes. "Ó QUERIDA".

Diana

Porque é que vocês querem sempre que eu faça figuras ridículas em cena?

Julieta

Ó amiga, tu fazes tão bem.

João

Claro, tu és perfeita para vender farturas.

Luís

Diana, nisto tenho de concordar. E até acho que ao mesmo tempo podias ser vidente. Atirar os búzios.

Diana

Eu peço poesia, vocês metem-me a vender farturas...

André

Ó Diana...

Diana

Eu consigo fazer personagens profundas, ok?

Julieta

Uma feirante/vidente é do mais profundo que existe.

Luís

E se fizéssemos um improviso?

João

Epá, eu, improvisos...

André

Chuta.

Luís

Ver se conseguíamos erguer essa feira.

João

Só se... o Gato DJ podia actuar, ter um set. Como se o final daquele dia na feira tivesse o Gato DJ como atracção final.

André

Claro. Claro. Uma feira. Electrónica. Faz sentido. Boa, puto.

João

Bem, tu hoje...

André

Mas uma feira porquê?

Luís

Uma feira tem essa dimensão popular, esse lugar de encontro, essa abordagem ao visitante, um pouco como o trabalho que fizemos com as pessoas, perguntar-lhes se tinham cinco minutos para falar connosco, dizer-lhes que somos uma companhia de teatro.

João

Não, dizer-lhes que somos uma companhia de teatro, perguntar-lhes se têm cinco minutos para falar connosco.

Julieta

Sim, ou isso ou já foste.

João

E mesmo isso...

André

Então, por isso, uma feira, claro.

João

Epá...

Diana

Olhem, por mim, façam como quiserem, desde que fechem o texto até à próxima semana. É que isto está a ficar um bocado apertado. Preciso de pelo menos um mês, três semanas.

André

Precisas de tomar decisões, certo? Perceber o percurso da personagem e assim –

João

Ok, temos uma feira e agora? O que é que acontece na feira? Além do set do Gato DJ como evento da noite.

Julieta

Olha, façam como quiserem, eu não percebo nada disto, só de pensar na estreia, que nervos

Luís

A feira tem um pescador, tem um vendedor de sonetos, tem uma vidente que vende farturas,
tem um Gato DJ –

João

O Gato DJ podia ser o melhor amigo do Romeu, estar sempre aflito a chamar por ele –

André

Vai sonhando. Nem hoje, nem nunca. (*baixinho.*) Mania que é encenador...

João

E nunca obtém resposta. Ou então retira as suas conclusões das respostas em soneto do Romeu. Estilo o Romeu diz qualquer coisa muito erudita e o Gato responde numa linguagem muito quotidiana e actual, percebem?

Luís

E o pescador quer fazer o Romeu.

André

Ai, mãezinha.

Diana

Não acham melhor simplificar um bocado?

João

Quando vais trabalhar para Idanha decoras textos em dois dias, aqui é isto –

Diana

Desculpa?

André

Textos? Vamos de improviso, malta, chegamos lá todos soltinhos, o Gato DJ mete música –

João

Se calhar começavas a fumar.

Luís

E depois havia uma sindicalista a tentar obrigar toda a gente na feira a aderir ao seu sindicato.

André

Uma sindicalista, numa feira, claro.

João

Ah, isso é bom, faz uma espécie de ligação ao tal passado industrial que apareceu em tantos testemunhos.

Luís

Começa pelo pescador.

João

E o pescador nada porque só quer contemplar o mar e falar do horizonte e do tempo em que havia peixe e que as redes eram grandes.

André

Há pescadores que não nadam, se caem à água é um problema –

João

Tu já caías à água, já.

Diana

E quem é que faz essa sindicalista?

Luís

A Julieta.

Julieta

Ai, como assim. Eu sei lá fazer uma sindicalista.

Luís

O trabalhar é descobrir.

André

Descobre-se, tapa-se.

João

Era, era isso mas debaixo de água.

Luís

Não tens razões para ficar assim, Julieta.

Julieta

Para o Luís é fácil, 90 anos de carreira...

Luís

Que disparate. Uma sindicalista tem de ser intensa, apaixonada, tem de argumentar bem, tem de saber os gritos de ordem. A beleza de uma sindicalista na luta pelo operariado.

Julieta

Ai a beleza.

Luís

Os meus anos em Veneza, naquelas esplanadas perfeitas...

Diana

Grandes vidas.

João

Andrézinho, debaixo de água, percebes?

André

Em quem é que tu votaste, João?

Julieta

Gritos de ordem estilo “O POVO UNIDO, JAMAIS SERÁ VENCIDO”, é isso?

Luís

Cuidado com esse UNIDO, não deixes cair o i, depois não se percebe nada.

Julieta

Ai desculpe, Luís: UNIDO.

Diana

Percebem como é tudo impossível? Até ter uma conversa consequente é impossível. Este espectáculo –

João

Este espectáculo vai ser o que vai ser.

Luís

Exactamente. Não podemos fugir ao inevitável, não podemos deixar que o medo de que as pessoas não se relacionem com isto influencie o processo.

André

Eu é que ‘tou a ficar processo com isto tudo.

Diana

Então eu faço uma feirante, vidente, tenho de ir vídeos de videntes, é que não posso ficar pela superfície, ler a mão e tirar cartas supostamente terríveis, quer dizer isso não tem profundidade nenhuma, percebem?

Luís

Percebemos, Diana, percebemos.

João

Perfeitamente.

André

Ah nós queremos uma vidente profunda? Tá bem, pronto, por mim...

João

(*baixinho.*) Ela é do método, deixa estar.

Diana

O quê?

João

Estava a dizer que cada intérprete deve tomar decisões sobre a sua personagem.

Diana

João, tu não disseste isso.

João

Estou-te a dizer.

Luís

Vocês nasceram de parto natural ou de cesariana?

André

'Tou?

Luís

Eu digo isto porque é algo que marca a vida das pessoas para sempre, é determinante mesmo.

Diana

Como é que falam as feirantes, então?

João

Uma coisa são as feirantes, outra coisa são as feirantes-videntes.

Diana

Ai que nervos.

André

Sabes o que isso é?

Diana

O quê?

André

Uma bola de pêlo.

Diana

André, não me gozes.

André

Afinal é só um pêlo.

Diana

EPÁ. 'TÁS-ME A CANSAR DE UMA MANEIRA.

André parece chegar a um ponto de ruptura.

André

Isto está tudo errado. E custa-me que vocês não sejam capazes de entender isso. Não há relação possível com isto, a comunicação está torta, vocês acham que temos todos a mesma capacidade de reflexão? De organização de pensamento? Uma feira? Ninguém disse que

queria ver uma feira. Ninguém disse que queria farturas. Mas pronto, que se lixem as pessoas, o que importa é o ímpeto artístico, a voz que grita cá dentro. Por favor... O meu sonho era ir. Não olhar para trás. Sentir que vinha alguém sem ter de olhar, sem ter de esperar. Eu não sei onde é que vocês têm a cabeça. Depois admiram-se que temos 5 pessoas por sessão. Vocês acham normal –

João levanta-se e dá um estalo a André. Ofendido, olha para João. Não responde e sai.

Diana

Muito bonito, João, muito bonito. Parabéns.

Luís

Ó João achas que isso foi razoável?

Julieta

Sinceramente.

João

Não, ia deixá-lo continuar a boicotar isto tudo. Vocês criticam mas agir está quieto.

Luís

Tu não és essa pessoa João, desculpa lá.

Diana

Viva a violência, é isso?

João

Lol.

João sai

Julieta

Bom, se calhar vou andando.

Julieta sai.

Diana

E o texto?

Luís

Vamos.

Luís e Diana saem.

SÓ HÁ TÍTULO NO FINAL

A partir de contributos da população do concelho de Montijo, de acordo com uma ideia de Levi Martins

Um espectáculo de André Alves, André Reis, Diana Vaz, João Jacinto, Levi Martins, Luís Madureira, Maria Julieta Almeida, Maria Mascarenhas e Miguel Branco

Interpretação André Alves, André Reis, Diana Vaz, João Jacinto, Levi Martins, Luís Madureira, Maria Julieta Almeida e Miguel Branco

Dramaturgia Miguel Branco

Encenação Maria Mascarenhas

Música André Reis

Espaço cénico e luz Adelino Lourenço e Maria Mascarenhas

Guarda-roupa Ana Simão

Voz e elocução Luís Madureira

Design gráfico António Santiago

Fotografias de cena Luana Santos

12 a 15 de Maio 2022

Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, Montijo

Quinta e Sexta às 21h30 / Sábado e Domingo às 16h30

Apoio República Portuguesa - Cultura / Direção-Geral das Artes; Câmara Municipal do Montijo; Junta de Freguesia da União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro; União das Freguesias de Pegões; Junta de Freguesia de Canha; Junta de Freguesia de Sarilhos Grandes; Academia Musical União e Trabalho; Santa Casa da Misericórdia de Canha

Um agradecimento muito especial a quem se disponibilizou a participar neste projecto com contributos. Obrigado também à equipa do Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida.

APOIOS:

